

Novo Cinema Pernambucano¹



Imagem do filme *A História da Eternidade*, de Camilo Cavalcante

Elaboração: Prof^a Dr^a Cláudia Mogadouro

*O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia,
Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia
Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia.*
Alberto Caieiro

É curioso pensar sobre a universalidade das culturas locais. Temos uma tendência a achar que questões gerais são discutidas em grandes cidades e que cidades interioranas ou pequenas expressarão apenas os costumes e interesses locais. Uma obra de arte - fílmica, literária, musical - pode abordar temas de uma pequena aldeia e sensibilizar pessoas do mundo todo. Um filme como ***Abril Despedaçado*** (Walter Salles, 2001), por exemplo, é uma adaptação do conto de um escritor albanês para o cenário do nordeste brasileiro. E ainda assim tornou-se uma obra universal. O mesmo se pode dizer do recente filme brasileiro **A**

¹ O presente artigo, com algumas modificações foi publicado originalmente no Portal NET educação:
www.neteducacao.com.br

História da Eternidade, primeiro longa metragem do cineasta pernambucano Camilo Cavalcante. O filme trata de três histórias femininas que se entrecruzam no sertão nordestino, em um vilarejo com meia dúzia de casas. A forma poética de contar as histórias e a abordagem das relações humanas em uma sociedade patriarcal tira todo caráter "regional" do filme, tornando-o universal. Somado a isso, a excelência do elenco, a trilha sonora e a fotografia bem cuidadas conferiram a essa obra uma série de prêmios nos festivais de cinema, dentro e fora do Brasil. Infelizmente, por conta das dificuldades de distribuição do cinema brasileiro, esse filme ficou pouquíssimo tempo em cartaz nas salas de cinema.

A qualidade do filme ***A História da Eternidade*** vem confirmar a excelente



Irandhir Santos em *A História da Eternidade*

produção pernambucana que vem surpreendendo o Brasil nos últimos anos. A indústria cinematográfica brasileira concentrou-se por muito tempo no eixo Rio-São Paulo, onde estão as mais importantes e ricas produtoras. Nas outras regiões também se fazia filmes, mas com precariedade de recursos e, principalmente, com poucas chances de seres vistos além do público local. Atualmente, o cinema pernambucano tem se destacado como um dos polos de maior qualidade artística do país.

Desde os anos 1920, época dos chamados ciclos "regionais" de cinema, a produção de Recife (PE) se revelou, com destaque para os cineastas Edson Chagas e Gentil Roiz. Eles realizaram ao todo 12 longas e 25 curtas, sendo o mais famoso deles ***Aitaré da Praia*** (1925), que circulou pelo país. Nessa fase, o domínio cultural estrangeiro concentrava-se mais nas grandes cidades, permitindo o desenvolvimento da arte local, dando, inclusive, mais liberdade de criação, já que seus artistas não sofriam tanto as pressões do mercado. Mas esses ciclos duraram pouco, pois não demorou para o cinema norte-americano chegar também nessas regiões.

Seguindo o exemplo de várias capitais brasileiras, entre os anos 1950 e 1980, Recife tornou-se uma cidade com cultura cineclubista, permitindo o surgimento de uma geração de jovens cineastas que criou o Grupo de Cinema Super-8 de Pernambuco (com destaque para o documentarista Fernando Spencer). Com o declínio do Super-8, na década de 1980, inicia-se uma fase fértil de produção de curtas metragens, com temas da cultura local, documentários e filmes experimentais. Paulo Caldas é um cineasta que já nessa época produzia curtas metragens. Segundo ele, como não havia escolas de cinema em Recife, o jeito de se aprender a fazer cinema era produzindo curtas.

Em 1990, o já sofrido cinema brasileiro é interrompido com o fim da Embrafilme, decretado pelo então presidente Fernando

Collor de Mello. As produções brasileiras simplesmente vão a zero, pois não tínhamos uma indústria de cinema que pudesse sobreviver sem ajuda estatal (até hoje não temos). Dois anos depois foram promulgadas novas leis de incentivo à cultura, que receberam o nome do então secretário da Cultura Sérgio Paulo **Rouanet**. A produção de cinema foi sendo retomada aos poucos e o primeiro grande sucesso de público dessa nova fase (chamada de "retomada do cinema brasileiro") foi *Carlota Joaquina, Princesa do Brasil* (Carla Camurati, 1995).

Em Pernambuco, a Lei Rouanet somou-se a outras leis de incentivo locais e aquela geração de cineclubistas e realizadores de curtas metragens encontrou recursos para transformar seus sonhos criativos em grandes filmes, trabalhando como um coletivo que escrevia os roteiros, produzia, dirigia e atuava. O primeiro sucesso dessa época foi ***Baile Perfumado***, do já citado Paulo Caldas co-dirigido por Lírio Ferreira (1996) e co-escrito por Hilton Lacerda. O filme conta a história de um mascate libanês - Benjamin Abrahão, que era amigo íntimo de Padre Cícero. Ele resolve filmar Lampião, acreditando que ficaria muito rico com o filme. Consegue contato e uma conversa com o famoso cangaceiro, porém, a ditadura do Estado Novo estraga seus planos. *Baile Perfumado* exhibe as únicas imagens de Lampião ainda vivo, coletadas por esse cinegrafista amador, que realmente existiu. Além disso, ao contrário dos tradicionais filmes sobre o tema, apresenta um sertão muito verde e

Lampeão tomando whisky e se banhando com perfume francês (daí o nome do filme). A música é composta pelos jovens músicos do movimento manguebeat, como Chico Science & Nação Zumbi e Mestre Ambrósio.



Luiz Carlos Vasconcelos, como lampião, em *Baile Perfumado* (1996)

Paulo Caldas consegue repercussão internacional com seu documentário *O Rap do Pequeno Príncipe contra as Almas Sebosas* (2000), feito em parceria com Marcelo Luna, que relata a história de dois jovens da periferia de Recife, um se torna músico de rap e o outro, justiceiro. Depois ele dirige *Deserto Feliz* (2007) - co-escrito por Marcelo Gomes, Xico Sá e Manoela Dias, *País do Desejo* (2011) e um belo documentário (que foi para a TV como série) chamado *Saudade* (2017), que investiga as várias percepções desse sentimento.

Com roteiro de Hilton Lacerda e direção de Cláudio Assis (de Caruaru/PE), outro filme significativo da chamada retomada pernambucana foi *Amarelo Manga* (2002). Premiado nacional e

internacionalmente, a trama traz várias histórias fortes interpretadas por elenco conhecido do público, como Leona Cavali, Matheus Nachtergaele, Jonas Bloch, Dira Paes e Chico Diaz. Sua ousadia estética e temática aparece em toda a sua obra, com filmes fortes, como **Baixio das Bestas** (2006) e **A Febre do Rato** (2011), também escrito por Hilton Lacerda. Mais suave é o longa **Big Jato** (2016) que traz um adolescente que gosta de poesia e se sente dividido entre a repressão do pai e o incentivo do tio para sua veia poética. Ambos personagens (tio e pai) são vividos por Matheus Nachtergaele. Seu mais recente longa é **Piedade** (2019). Os filmes de Cláudio Assis têm a marca da reflexão sobre o comportamento humano, apresentando uma linguagem cinematográfica autoral e produção de baixo custo (embora isso não apareça na tela).



Leona Cavalli e Jonas Bloch em Amarelo Manga (2002)

Outro diretor de destaque dessa geração é Marcelo Gomes que também começou realizando curtas como **Maracatu**,

Maracatu (1995) e **Clandestina Felicidade** (1998), este sobre a infância e a obra de Clarice Lispector. Seu primeiro longa foi o aclamado **Madame Satã** (2002), sobre a figura lendária da boêmia carioca, que foi interpretado por Lázaro Ramos. Este filme foi roteirizado e co-dirigido por Karim Aïnouz, que é cearense e integra-se perfeitamente ao movimento pernambucano. Gomes surpreendeu mais uma vez com a qualidade do filme **Cinema, Aspirinas e Urubus** (2005), que foi premiado no Brasil e no exterior. Na França, o filme recebeu o "Prêmio da Educação Nacional", do Ministério da Educação Nacional, que prevê a distribuição do filme, através de um DVD pedagógico, para aproximadamente um milhão de estudantes franceses. O ator João Miguel que interpreta Ranulpho ganhou também muitos prêmios com o filme.



Peter Ketnath e João Miguel em **Cinema, Aspirina e Urubus** (2002)

Outros ótimos filmes de Marcelo Gomes: **Viajo Porque Preciso, Volto Porque Te Amo** (2009, co-direção novamente com

Karim Aïnouz) e *Era Uma Vez Eu, Verônica* (2012). Em 2017, um de seus longas foi selecionado para o Festival de Berlim: *Joaquim*, um belo filme sobre a vida de Tiradentes antes de se engajar na Inconfidência Mineira. E, em 2019, Marcelo Gomes lança o documentário *Estou Me Guardando Para Quando O Carnaval Chegar*, filmando os trabalhadores da cidade de Toritama/PE, responsável por boa parte da produção e jeans brasileiro. Como sempre, a partir de uma questão local, ele reflete e problematiza as péssimas condições de trabalho no Brasil e a ilusão do empreendedorismo.

Karim Aïnouz, já citado como diretor de *Madame Satã* (2002), além dele ter feito vários curtas, já havia roteirizado filmes importantes como *Abril Despedaçado* (2001) e *Cidade Baixa* (de Sérgio Machado, 2005). Outros destaques de sua atuação como diretor são os delicados filmes *O Céu de Suely* (2006), *O Abismo Prateado* (2011) e *Praia do Futuro* (2013), este com atuação brilhante de Wagner Moura e Jesuíta Barbosa, com produção Brasil/Alemanha. Em 2019, Karim realiza *A Vida Invisível*, livremente inspirado no livro *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão*, de Martha Batalha. Karin toma a liberdade de mudar bastante a história do livro, embora mantenha a mesma moldura: a condição feminina no Rio de Janeiro dos anos 1950. Muito merecidamente este filme ganhou o prêmio Un Certain Regard no Festival de Cannes 2019.



Júlia Stokler e Carol Duarte em *A Vida Invisível* (2019)

Voltando a Lírio Ferreira, que já fora citado na direção de *Baile Perfumado*. Ele fez também *Árido Movie* (2005) e depois se dedicou a dois documentários musicais muito interessantes: *Cartola, Música para os Olhos* (co-direção de Hilton Lacerda, 2007), *O Homem que Engarrafava Nuvens* (2009), sobre a vida e obra de Humberto Teixeira, letrista dos maiores sucessos de Luiz Gonzaga e *Sangue Azul* (2014). Neste ano de 2020, lançou na Mostra Ecofalante, o ótimo *Água Movie* (2019), que é uma espécie de continuação e atualização de *Árido Movie*.



Antonio Haddad Aguerre e Alessandra Negrini em *Água Movie* (2019)

Hilton Lacerda aparecia antes apenas como roteirista de vários dos filmes citados. Escreveu ainda ***A Festa da Menina Morta*** (2008, direção primeiro trabalho de direção de Matheus Nachtergaele) e ***Capitães da Areia*** (2011). Seu primeiro trabalho na direção foi o documentário ***Cartola, Música para os Olhos*** e, em 2013, foi bastante premiado com ***Tatuagem***. Em 2019, finalizou um filme que ainda não estreou nas salas de cinema, por conta da pandemia (estreou na TV): ***Fim de Festa***, mais uma vez tendo o ótimo ator Irandhir Santos como protagonista.

Outro jovem cineasta pernambucano que despontou recentemente foi Kleber Mendonça Filho. Formado em jornalismo, tornou-se experiente crítico de cinema, o que o fez ter uma visão bastante controvertida sobre a crítica especializada, refletida em seu primeiro longa metragem, o documentário ***Crítico*** (2008). Ele fez alguns curta metragens, como o excelente ***Recife Frio*** (2009). As ideias de alguns curtas reaparecem no seu primeiro longa de ficção ***O Som ao Redor*** (2013). Retomando a ideia da aldeia que fala de questões universais, o filme faz quase um tratado sociológico do Brasil, a partir de um quarteirão da cidade de Recife. Há um redimensionamento do som do cinema, para ressaltar a insegurança permanente entre dominadores e dominados. O jornal *New York Times* colocou *O Som ao Redor* na lista dos 10 melhores filmes de 2013. Em festivais nacionais e internacionais, o filme ganhou mais de 120 prêmios.



Maeve Jinkings em *O Som ao Redor* (2013)

Em 2016, o único filme de toda a América Latina selecionado para o exigente Festival de Cannes foi ***Aquarius***, de Kleber Mendonça Filho, que traz a atriz Sônia Braga como uma crítica musical que se recusa a sair do seu apartamento, enfrentando toda a ganância da especulação imobiliária. Durante a exibição do filme em Cannes, toda a equipe do filme aproveitou a notoriedade internacional para denunciar o golpe de estado que estava acontecendo naquele momento no Brasil, com o afastamento da presidenta Dilma Rousseff. Por conta desta atitude, Kleber passou a ser perseguido pelo governo brasileiro. Sem se intimidar, realizou outro filme contundente: ***Bacurau*** (2019), assinado por Kleber e Juliano Dornelles, uma espécie de faroeste brasileiro que denuncia as desigualdades sociais e mostra a resistência possível. Nas imagens a seguir, Sônia Braga nos dois mais recentes filmes de Kleber: *Aquarius* e *Bacurau*.



Gabriel Mascaro é um pouco mais jovem (nascido em 1983) e é considerado um expoente da segunda geração dos diretores pernambucanos. Em 2012, produziu um interessante documentário sobre o trabalho doméstico na região do nordeste – ***Domésticas*** (2012). Nos seus dois filmes seguintes traz uma tensão muito interessante e delicada sobre as identidades de gênero. Tanto em ***Ventos de Agosto*** (2014) como em ***Boi Neon*** (2015), coloca homens e mulheres em ocupações incomuns, deixando o espectador intrigado, problematizando sem discurso, o que torna os filmes muito desafiadores. Em seu mais recente filme ***Divino Amor*** (2019) mistura religião, política e sexo, em uma ótima ficção futurista.



Juliano Cazarré interpreta um estilista em ***Boi Neon***, de Gabriel Mascaro

Renata Pinheiro é a cineasta mulher que mais tem se destacado no primeiro time do cinema pernambucano

contemporâneo. Diretora de Arte em muitas produções, assinou a direção de curtas, documentários até lançar seu primeiro longa de ficção: ***Amor, Plástico e Barulho*** (2013). Em 2017, conclui seu segundo longa de ficção, co-dirigido por Sérgio Oliveira, ***Açúcar***.



Maeve Jinkings, Nash Laila e Dedesso em ***Amor Plástico e Barulho*** (2013)

A safra de realizadores - diretores, roteiristas, músicos, fotógrafos, atores e atrizes - que surgiu em Pernambuco nas duas últimas décadas merece ser conhecida e estudada. Fica evidente que se trata de uma ambiência cultural que favoreceu essa produção tão criativa. Infelizmente, em função dos problemas da nossa indústria de cinema, especialmente a distribuição e exibição, somado ao preconceito que ainda existe contra o cinema brasileiro, parte desses filmes ainda não é tão conhecida do grande público, especialmente das regiões sul e sudeste.